Lição 7: Opiniões sobre fortuna e acaso

Bekker: 195 b 31-196 b 9

> *“ DIFERENTES OPINIÕES SOBRE FORTUNA E ACASO, AS CAUSAS OCULTAS*

198. Tendo tratado das espécies e modos evidentes de causa, o Filósofo aqui aborda certos modos ocultos, a saber, a fortuna e o acaso.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele declara sua intenção. Em segundo lugar, ele persegue sua intenção, onde diz: 'Algumas pessoas até questionam...' (195 b 36 #198)

Ele diz, portanto, primeiro que fortuna e acaso também são contados entre as causas, já que muitas coisas são ditas virem a ser ou existirem por causa da fortuna e do acaso.

E assim, com respeito à fortuna e ao acaso, três coisas devem ser consideradas; a saber, como elas se reduzem às causas mencionadas acima, depois se fortuna e acaso são iguais ou diferentes, e finalmente o que são acaso e fortuna.

Em seguida, onde ele diz: 'Algumas pessoas até questionam...' (195 b 36), ele inicia seu tratamento da fortuna e do acaso.

Primeiro, ele expõe as opiniões de outros. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Primeiro, então, observamos...' (196 b 10; L8 #207), ele estabelece a verdade.

Quanto à primeira parte, ele expõe três opiniões. A segunda começa onde ele diz: 'Há alguns...' (196 a 25 #203), e a terceira, onde ele diz: 'Outros há...' (196 b 5 #206).

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele expõe as opiniões e argumentos daqueles que negam a fortuna e o acaso. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Mas há uma circunstância adicional...' (196 a 11 #201), ele argumenta sobre algumas dessas razões.

199. Ele diz, portanto, primeiro que alguns questionaram se fortuna e acaso existem. Eles negam que existam por duas razões.

O primeiro argumento é que todas aquelas coisas que se diz virem a ser por acaso ou fortuna verificam-se ter alguma causa determinada diferente da fortuna. Ele dá um exemplo desse tipo de

coisa. Se alguém que vem ao mercado encontrar algum homem que desejava encontrar, mas que ele não acreditava anteriormente que seria encontrado, dizemos que esse encontro se deveu à fortuna. Mas a causa desse encontro é a sua vontade de comprar, por causa da qual ele foi ao mercado onde estava o homem que procurava. E o mesmo é verdade para todas as outras coisas que se diz serem por fortuna, pois elas têm alguma causa diferente da fortuna. E assim a fortuna não parece ser causa de nada e, consequentemente, não é nada. Pois não postulamos a fortuna exceto na medida em que sustentamos que algumas coisas existem por fortuna.

200. Ele dá o segundo argumento onde diz: 'Pois se o acaso fosse real...' (196 a 6).

Ele diz que se a fortuna fosse algo, parece inconsistente (e que é verdadeiramente inconsistente é mostrado abaixo #201) e intrigante por que nenhum dos antigos sábios que trataram das causas da geração e corrupção tratou da fortuna. Mas, ao que parece, esses antigos pensavam que nada existe por fortuna. Este segundo argumento é tirado da opinião dos antigos filósofos naturais.

201. Em seguida, onde ele diz: 'Mas há uma circunstância adicional...' (196 a 11), argumenta sobre esta segunda prova, mostrando o que havia assumido acima, a saber, que é inconsistente que os antigos filósofos naturais não tratassem do acaso e da fortuna. Ele prova isso com dois argumentos.

Seu primeiro argumento é o seguinte. Parece notável, e de fato é, que os antigos filósofos naturais não trataram do acaso e da fortuna. Pois eles assumiram tratar das causas das coisas que vêm a ser, e, no entanto, há muitas coisas que vêm a ser por fortuna e acaso. Logo, deveriam ter tratado da fortuna e do acaso. Nem devem ser desculpados pelo argumento dado acima [200], que nega a fortuna e o acaso. Pois, embora os homens saibam que todo efeito é reduzido a alguma causa, como afirmava a opinião acima que nega a fortuna e o acaso, não obstante, independentemente desse argumento, esses filósofos sustentavam que algumas coisas vêm a ser por fortuna, e outras não. Portanto, esses filósofos naturais devem fazer menção à fortuna e ao acaso, ao menos para mostrar que é falso que algumas coisas vêm a ser por fortuna e acaso, e para apontar a razão pela qual algumas coisas são ditas ser por fortuna e outras não. Nem podem ser desculpados em razão do fato de que o acaso e a fortuna seriam reduzidos a uma das causas que eles postularam. Pois eles não pensavam que a fortuna fosse uma das coisas que consideravam ser causas, tal como a amizade ou a discórdia ou alguma outra coisa desse tipo.

202. Ele apresenta seu segundo argumento onde diz: 'Isto é estranho...' (196 a 19).

Ele diz que, quer pensassem que a fortuna existia quer não, é inconsistente que os antigos filósofos naturais tenham negligenciado tratar da fortuna. Pois, se pensavam que a fortuna existia, é inconsistente que não a tenham tratado; se, no entanto, pensavam que a fortuna não existia, é inconsistente que às vezes a utilizassem. Por exemplo, Empédocles disse que o ar nem sempre está unido no alto, acima da terra, como se isso lhe fosse natural, mas antes isso acontece por acaso. Pois ele diz que quando a terra foi feita pela discórdia distinguindo os elementos, aconteceu que o ar se reuniu neste lugar, e assim como se reuniu então, manterá este curso enquanto o mundo perdurar. Mas em outros mundos, que ele sustentava virem a ser e serem corrompidos ao infinito, como foi dito acima [I, L10 #76], o ar se relacionaria de muitas maneiras diferentes com as partes do universo. E da mesma forma, ele disse que muitas partes dos animais vêm a ser por

fortuna, de modo que, na primeira produção do mundo, cabeças surgiram sem pescoços.

203. Em seguida, onde ele diz: 'Estas são algumas...' (196 a 25), ele apresenta a segunda opinião.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, expõe a opinião. Em segundo lugar, refuta-a onde diz: 'Esta afirmação poderia...' (196 a 28 #204).

Ele diz, portanto, primeiro, que alguns disseram que o acaso é a causa dos céus e de todas as partes do mundo. E disseram que a revolução do mundo e o movimento dos astros, distinguindo e constituindo todo o universo inferior segundo esta ordem, é por acaso. Esta parece ser a opinião de Demócrito, que diz que os céus e todo o mundo são constituídos pelo acaso através do movimento dos átomos que são *per se* móveis.

204. Em seguida, onde ele diz: 'Esta afirmação poderia...' (196 a 28), ele refuta esta posição com dois argumentos.

O primeiro argumento é que pareceria digno de grande admiração que animais e plantas não sejam provenientes da fortuna, mas do intelecto, da natureza ou de alguma outra causa determinada. Pois é claro que uma coisa não é gerada a partir de qualquer semente, mas o homem a partir de uma semente determinada, e a oliveira a partir de uma semente determinada. E, uma vez que essas coisas inferiores não vêm a ser por fortuna, é digno de admiração que os céus e aquelas coisas que são mais divinas entre as coisas sensíveis óbvias para nós, por exemplo, as partes sempiternas do mundo, sejam por acaso e não devam ter nenhuma causa determinada, como os animais e as plantas. E se isso é verdade, teria valido a pena insistir e dar uma razão do porquê isso é assim. Mas os antigos falharam em fazer isso.

205. Ele apresenta o segundo argumento onde diz: 'Pois, além das outras...' (196 b 1). Como pode ser verdade que os corpos celestes sejam por acaso, enquanto os corpos inferiores não são? Isso parece inconsistente, primeiro pelo fato de que aqueles são mais nobres, e, em segundo lugar, é ainda mais inconsistente à luz do que se vê. Pois vemos que nos céus nada vem a ser por acaso, enquanto nos corpos inferiores, que não se diz serem por acaso, muitas coisas parecem acontecer por fortuna. Segundo sua posição, seria mais razoável se o contrário fosse verdadeiro, de modo que, naquelas coisas cuja causa é o acaso ou a fortuna, encontrar-se-iam algumas coisas vindo a ser por acaso ou por fortuna, enquanto naquelas coisas cuja causa não é o acaso ou a fortuna, estas últimas não seriam encontradas.

206. Em seguida, onde ele diz: 'Há outros...' (196 b 5), ele expõe a terceira opinião sobre a fortuna.

Ele diz que parece a alguns que a fortuna é uma causa, mas está oculta ao intelecto humano, como se fosse algo divino e acima dos homens. Pois eles queriam sustentar a posição de que todos os eventos fortuitos são reduzidos a alguma causa ordenadora divina, assim como sustentamos que todas as coisas são ordenadas pela providência divina.

Mas, embora esta opinião tenha uma verdade radical, eles não usaram bem o nome 'fortuna'. Pois aquela coisa divina que ordena não pode ser chamada ou nomeada fortuna, porque, na medida em que uma coisa participa da razão ou da ordem, ela se afasta da natureza [*ratio*] da fortuna. Portanto, a causa inferior, que por si mesma não tem uma ordenação para o evento fortuito,

deveria ser muito mais chamada de fortuna do que a causa superior, se tal causa é aquela que ordena.

Ele omite uma investigação sobre esta opinião, tanto porque excede os limites da ciência natural, quanto porque mostra abaixo [L8 #214] que a fortuna não é uma causa *per se*, mas uma causa *per accidens*. Portanto, como ele avalia essas opiniões ficará mais claro no que se segue. E assim ele conclui que, para o esclarecimento dessas opiniões, devemos considerar o que são a fortuna e o acaso, e se são iguais ou diferentes, e como são reduzidos às causas mencionadas acima.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:43:45 by Admin
Updated 1 October 2026 23:37:25 by Admin